

## A LINGUAGEM COMO FATOR DE IDENTIDADE HUMANA

Ary Nepote \*

### I – A LINGUAGEM:

Nota-se que a preocupação das autoridades em Educação, exigindo novamente nos vestibulares a redação é como que um diagnóstico do momento em que vivemos, no qual a linguagem verbal “apesar de relegada a um plano secundário, permanece sendo o único instrumento capaz de demonstrar que um indivíduo pode pensar sem o auxílio enganador das alternativas prontas”(1).

Todas as vezes em que uma pessoa escreve um texto, fato esse bastante esquecido em nossos dias, isso funciona como uma reflexão em relação à grande distância existente entre os jovens ( **não só os jovens** ) de hoje e as palavras. Entretanto, é praticamente impossível exigir de uma hora para outra que uma pessoa escreva com concisão, se o meio psicossocial contribui para justamente o contrário.

Esse divórcio de um “liame nupcial” com a palavra não é apenas um sintoma individual, mas justamente como algo inerente a uma dimensão temporal presente, na história da humanidade, em que a tão falada lacuna das gerações aparece de maneira mais nítida pela distância entre as palavras usadas, trazendo como conseqüência, apesar das tentativas de insistência sobre o diálogo, a incompreensão social como resultante da incomunicabilidade.

O adolescente adaptado a um grupo no qual se identifica, pensando e falando de acordo com o código grupal, é absorvido por um “dialeto monossilábico e redundante, em que os gestos e as expressões para toda hora e para hora nenhuma, substituem a palavra adequada” (2).

---

\* Professor de Psicologia da PUC.

Podemos verificar então, que ser "singular" significa usar esse dialeto e por incoerência se igualar ao todo. Entretanto, isso não é algo peculiar aos adolescentes mas de qualquer grupo humano que consumindo determinada técnica, inventa uma linguagem própria e esta acaba por tornar-se um obstáculo invencível para aqueles não filiados.

A solução para isso não está no recurso mágico, num modelo ou no empirismo como sempre aconteceu. É necessário um trabalho longo e árduo que implica saber refletir, colher dados informativos e modelar o assunto que vai ser tratado e as idéias com palavras.

Creio que esse trabalho é importante para qualquer pessoa que se queira conhecer melhor e, principalmente para o psicoterapeuta, que deseja entrar em contato com a linguagem simbólica dos distúrbios mentais.

No entanto, o maior problema do homem do século XX é justamente a sua dificuldade em lidar com a linguagem simbólica que é "uma língua em que as experiências íntimas, os sentimentos e pensamentos são expressos como se fossem experiências sensoriais, fatos do mundo exterior... É o único idioma universal jamais criado pela raça humana, o mesmo para todas as criaturas e para todo o curso da história. É uma língua com gramática e sintaxe próprias, por assim dizer, e cujo conhecimento é imprescindível para se poder entender o significado dos mitos, dos contos de fadas e dos sonhos" (10). Essa língua, entretanto, foi esquecida e colocada em plano secundário pelo homem moderno como também por alguns terapeutas, trazendo como consequência, sentimentos de solidão dolorosos que emergem justamente no meio de um relacionamento social ou de uma sessão terapêutica.

O homem é um ser de linguagem. Utilizando-se da linguagem, o homem age sobre o mundo e se esta for inadequada, monossilábica, pode limitar esse homem a uma não atuação, a um não saber.

Este ensaio visa a mostrar que a linguagem é o único instrumento que o homem tem para demonstrar sua condição de ser pensante e humano. A preocupação com a linguagem já é um fato, pois "hoje uma profissão vigente nos Estados Unidos, uma profissão que tem até órgãos internos de publicação, revistas internas, é a profissão de Editor, para suprir os gagos de mão, os que pensam muito bem, mas na hora de escrever, gaguejam com as mãos"(3).

## II – A ABORDAGEM LACANIANA

“Será preciso um dia fazer um estudo da loucura como estrutura global — da loucura liberada e desalienada, restituída de certo modo a sua linguagem de origem”(5).

A linguagem é considerada um fenômeno central na história do homem sendo condição para o inconsciente. “Toda técnica psicanalítica consiste em manipular a linguagem. Trata-se inclusive, de utilizar a expressão consciente para tentar decifrar a linguagem do inconsciente, pois o inconsciente é estruturado pela linguagem”(16).

O discurso jamais poderá ser tomado ao “pé da letra”, isto é, como é manifestado mas sim, como um enigma onde o sujeito se oculta. O discurso é uma abertura para as identificações mais alienantes possíveis e somente a análise mostrará, que a linguagem do inconsciente é diferente do discurso consciente.

O homem ao nascer, encontra-se inserido em uma sociedade de costumes, onde o ser humano não é causa nem origem do simbolismo lingüístico e sócio-cultural, pois, toda uma estrutura já estava pronta para recebê-lo. O indivíduo é que sofre o simbolismo como “massa homogênea” e a sua aceitação, possibilita a sua salvação, isto é, a sua identificação na linha das gerações. Caso isso não ocorra, o homem se perderá na doença mental.

Para um sujeito se assumir como tal — um “eu” capaz de assumir um mundo simbólico e um relacionamento com o “outro” — há necessidade do desenrolar de todo um processo. No início, podemos dizer que não existe ainda um “sujeito” mas sim, um “indivíduo” (objeto) em função da relação dual que mantém com a mãe.

“A criança não deseja apenas ser tratada, aleitada, cuidada pela mãe. Ela deseja ser para ela um todo, ou mais exatamente, seu complemento; deseja tomar o lugar daquilo que faz falta à sua mãe; o Falo. A criança se faz por assim dizer, o desejo do desejo da mãe”(4).

Para assumir como “sujeito”, há necessidade do rompimento dessa dualidade e da renúncia ao imediato que é a fusão com a mãe. Toda relação com a realidade passa, a partir desse momento, a ser mediada pelo símbolo, sendo esse o primeiro passo para a entrada na ordem simbólica.

No instante em que o “indivíduo” chega à linguagem ele se humaniza, isto é, torna-se “sujeito”. Nessa linha de raciocínio posso dizer que, é possível uma **intuição primária** de “si” antes mesmo da linguagem, que seria a sensação do próprio corpo só podendo ser **atualizado** pela mediação da linguagem. Entretanto, para tal, o “indivíduo” necessita passar pela **imagem** que é o caminho para o símbolo. Na fase da imagem — imagem especular — existe a relação dual da criança com a mãe, com o mundo e com os “outros”. Quando um ser humano não consegue sair dessa **intuição primária** e entrar no código, se identifica de tal maneira com a mãe que não é capaz de romper essa dualidade pela incapacidade de adentrar o símbolo, se perde na **psicose**.

A linguagem permite a conscientização de “si” como identidade distinta, cria a distância e a autonomia a respeito dos objetos e das coisas e se constitui como um intermediário para fornecer os dados fundamentais para a sobrevivência dos homens pois, graças a esse recuo em relação à realidade sensível é que o homem pode significá-la. Temos, assim, a dialética da subjetividade e com isso chegamos à intersubjetividade que é, justamente, a comunicação inter-humana ( um “eu” e um “tu” se constituindo pela linguagem ). Portanto, o discurso permite a independência do homem sobre o mundo sensível.

Ora, se a linguagem é o único instrumento para se humanizar, por que algumas “técnicas de terapia” ainda “teimam” em silenciar os doentes mentais, impedindo que seus discursos alienantes nos façam companhia ? Mesmo o discurso delirante não é uma linguagem simbólica altamente importante, pois, não é o delírio “um momento” mais fecundo da doença ?

Não está o doente, nesse exato momento, tentando humanizar-se “investindo seu afeto” no meio simbólico ? Por que não trabalhar com o enigma que o discurso representa, do que simplesmente silenciá-lo através de “sofisticadas camisas-de-força” e devolver o doente à sua clausura psíquica ?

### III — A EXEMPLIFICAÇÃO DE ALGUNS ARTISTAS E PENSADORES

#### **Não silenciar mas fazer falar.**

O objetivo do meu artigo é justamente expor que todo discurso é importante por mais desconcertante que seja, uma vez que, o campo da psicanálise é o **simbólico** e não o “social”, o “sexual”, o “sucesso”, o “destino”,

os “dons inatos” etc. Como tal, posso citar um pintor que embora tenha vivido há cinco séculos é considerado um dos precursores da arte surrealista — a arte do inconsciente — mostrada em 1924.

O discurso pictórico de Jerônimo Bosch, revela toda a riqueza e importância da linguagem inconsciente do seu mundo de sonhos e pesadelos. Em meados do século XV, a linguagem da loucura era “lida” e “ouvida” através dos discursos elaborados por artistas e pensadores.

Existem algumas obras filosóficas e, mesmo, importantes críticas discursadas por essa época, destacando-se o livro **Elogio da Loucura** de Erasmo (17). Posso citar também, como consequência desse momento o poema anônimo castelhano **A Dança Macabra**, representado por “uma ronda infernal, pintada ou esculpida, dançada por mortos de toda a idade e condições, reis e vassalos, ricos e pobres, velhos e crianças. É uma alegoria engenhosa simbolizando a fatalidade que condena todos os seres humanos a morrer. É a própria Morte que dirige a dança infernal servindo-se de um esqueleto como violino e de um tífia como arco”(11).

“À Dança Macabra, representada no cemitério dos Inocentes... sucedem inúmeras danças e festas que a Europa celebrará de tão bom grado durante todo o Renascimento”(6).

Na pintura, o artista flamengo Jerônimo Bosch através de suas telas com uma linguagem inconsciente do “corpo despedaçado” ( como já foi citado anteriormente, a **imagem** é um momento importante para a descoberta do “eu”, um momento inesquecível dado pela unidade da experiência corporal, um “eu corporal”. Contudo o indivíduo que recusa sua própria imagem — sua unidade corporal — se situará em uma fase anterior à da imagem, o período do “corpo despedaçado” caracterizado pela incapacidade da renúncia ao imediato, do rompimento da relação dual ) que é peculiar ao esquizofrênico, mostra toda “percepção de um mundo suficientemente próximo e distante de si para ser aberto à absoluta diferença do Insano”(7).

As telas de Bosch “faladas” com as cores de seu inconsciente, até hoje encantam e desafiam os estudiosos de arte, que continuam, entretanto, “lendo” e “escutando” o seu discurso pictórico. Não seria essa posição tomada por críticos e intelectuais da arte que deveria ser tomada ( seguida ) pelos “estudiosos” e “críticos” das doenças mentais ? Não deveriam esses profissionais a exemplo daqueles, “lerem” e “escutarem” os discursos enigmáticos elaborados nas “telas das psiquês” e pintados pelos pincéis da “fala” ou dos “gestos” de seus clientes ? E...então, por que silenciá-los ? É a terapia do relativo, do sintoma !

Atualmente, alguns movimentos tanto no nível científico propriamente dito, como a psicanálise de LACAN (14), algumas correntes de antipsiquiatria com LAING (15) e outros, vários teóricos liderados por FOUCAULT (9), quanto no nível literário-cinematográfico com o filme de Milo Forman "Um Estranho no Ninho" extraído do livro de KENSEY (13), criticam e esclarecem que alguns recursos terapêuticos utilizados pela sociedade na presuposta "cura" da doença mental, trazem unicamente como resultado o conveniente **SILÊNCIO** dos seres humanos mais incômodos.

O filme bastante premiado e exibido no mundo todo, mostra como tema principal as agitações internas de um hospital psiquiátrico, questionando as regras e as autoridades que controlam as manifestações pessoais dos doentes. O "paciente internado" deixa de ser "**o sujeito falante**" ( a linguagem compreendida a partir do ser que fala ) para se tornar "**o sujeito que é falado**" pela estrutura hospitalar, isto é, a linguagem do doente é estruturada fora dele, rotulada, tirando-lhe assim, a possibilidade da carreira humana, do código vigente.

A terapia se envolve de uma assepsia austera e uma disciplina férrea-repressora peculiares da medicina organicista, bloqueando dessa maneira, todas as alternativas de "investimento de afeto" através da linguagem por parte dos asilados, emoldurada por conseguinte, pelo aparato coartador e solitário que caracteriza o tratamento das doenças mentais em pacientes hospitalizados.

Todos nós, seres de "razão" ou de "desrazão" somos históricos. Pretender, talvez, ignorar o discurso psicótico por achar que seja ele fruto de uma criatividade surgida do nada, **é uma forte ilusão**.

Não tive a pretensão de expor com este artigo um discurso a favor da antipsiquiatria e nem uma monografia pura sobre os pensamentos dos eminentes pensadores Jacques Lacan e Michel Foucault, pois devemos separar muito bem os fenômenos literários da prática analítica, uma vez que "não se deve fazer literatura com os pacientes" (12). Embora possa ser visto como expressão dessas idéias, espero, entretanto, seja considerado mais como um **alerta** no sentido de que ao se SILENCIAR A LOUCURA em uma situação terapêutica qualquer, evidencia-se como conseqüência de tal "técnica", simplesmente, o domínio do terapeuta sobre o paciente e não o "encontro" com a doença como se pretendia.

"Nunca a psicologia poderá dizer a verdade sobre a Loucura já que é esta que detém a verdade da psicologia"(8).

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. BRAIT, B. "O Homem isolado por sua nova linguagem". São Paulo, **Jornal da Tarde**, Contraponto, p. 9, 18/10/1 975.
2. BRAIT, B. "O Homem isolado por sua nova linguagem". São Paulo, **Jornal da Tarde**, Contraponto, p. 9, 18/10/1 975.
3. CARVALHO, L. J. "Experiência Escrita". Grupo de Debates sobre o Uso da Linguagem. São Paulo, Colégio Equipe, 21/06/1 976.
4. FAGES, B. J. **Para Compreender a Lacan**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, Argentina, 1 973, p. 15.
5. FOUCAULT, M. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1 968, p. 87.
6. FOUCAULT, M. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1 968, p. 77.
7. FOUCAULT, M. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1 968, p. 88.
8. FOUCAULT, M. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1 968, p. 85.
9. FOUCAULT, M. **Historie de la Folie**. Plon, Paris, 1 961.
10. FROMM, E. **A Linguagem Esquecida**. 6ª edição, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1 976, p. 16.
11. GRAVE, J. & NETTO, C. **Lello Universal**. Porto, Portugal, Livraria Lello Ltda. Editora, Vol. I, p. 714.
12. GREEN, A. "A Psicanálise Hoje" — Entrevista, **Estado de São Paulo**, São Paulo, 28/08/1 976, p. 9.

13. KENSEY, K. **Um Estranho no Ninho**. Rio de Janeiro, Ed. Record, 1 976.
14. LACAN, J. **Escritos**. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, editores S. A. Argentina, 2 Volumes, 1 973.
15. LAING, D. R. **O Eu Dividido**. 2ª edição, Petrópolis, Ed. Vozes 1 975.
16. LEPARGNEUR, H. **Introdução aos Estruturalismos**. São Paulo, Ed. Herder & USP, 1 972, p. 65 – 66.
17. ROTERDAM, E. **Elogio da Loucura**. 8ª edição, São Paulo, Ateneu, editores, 1 960.